

**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
EMMANUEL LEVINAS**

LINGUAGEM, FEMININO E LITERATURA

L755

Linguagem, feminino e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas – Belo Horizonte;

Coordenadores: Gregory Rial e Luciene dos Santos, 2019.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-00-00046-7

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: “O sentido do humano: ética, política e direito e tempos de mutações”.

1. Ética. 2. Literatura. 3. Feminino. 4. Linguagem. IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas (1:2020 : Belo Horizonte, BH).

CDU: 34



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL EMMANUEL LEVINAS

LINGUAGEM, FEMININO E LITERATURA

Apresentação

O presente volume reúne os textos que foram apresentados no grupo de trabalho "Linguagem, Feminino e Literatura" durante o IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas ocorrido nos dias 8, 9 e 10 de outubro de 2019 na Dom Helder Escola de Direito.

Estes textos representam a versatilidade do pensamento levinasiano: são artigos não só da filosofia, mas também de áreas como teologia, direito, letras, comunicação social e psicanálise. As leituras transversais que os autores destes textos fazem da obra de Levinas permitem encontrar nos testemunhos da literatura, das imagens e dos rostos femininos o enigma do Outro, o rastro de uma ética não tematizável. A partir deste enigma são problematizadas e matizadas questões fundamentais para o atual momento e cria-se, do ponto de vista metodológico, uma epistemologia diferencia que ultrapassa a mera hermenêutica filosófica.

Destaca-se a renovada leitura do problema do feminino em Levinas que tem sido explorada e aprofundada como forma de responder ao premente apelo do nosso tempo de quitar a dívida histórica com as mulheres. Também as interfaces com a literatura criam uma

aproximação da filosofia com as letras em que se é possível escutar uma voz que interpela: serão os personagens literários uma figura do drama ético que a nossa carne experimenta? Em que medida a linguagem inacabada dos literatos conserva o dizer do encontro ético, do face a face?

Ressalta-se a abertura dos estudos levinasianos para a área da comunicação social, uma articulação promissora ao entrever nestes escritos filosóficos uma teoria da comunicação que não se reduz à mera troca de informações de uma interlocução contextualizada, mas que parte do pré-original: da abertura de um sujeito ao outro - condição de possibilidade de qualquer comunicação. Além disso, a apropriação da filosofia levinasiana pela Comunicação Social alimenta uma tensão muito pertinente que trata das possibilidades de encontrar o Rosto na plasticidade das imagens ou até que ponto uma imagem é epifania e em que momento é

reificação totalizante do Outro.

À apresentação oral destes textos seguiram preciosas discussões cujo conteúdo, infelizmente, não foi registrado em texto. Mas almejamos que a disponibilização deste material contribua para futuras discussões que, cremos, contribuirão para o aprofundamento

de Levinas na academia brasileira.

Os organizadores

**A CARNALIDADE DA ESCRITURA: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE
EMMANUEL LÉVINAS E MAURICE BLANCHOT**

**LA CARNALITÉ DE L'ÉCRITURE. UNE INTERLOCUTION ENTRE EMMANUEL
LÉVINAS ET MAURICE BLANCHOT**

Edvaldo Antonio de Melo ¹

Resumo

O presente texto tem como meta investigar a relação entre a fragmentação da escrita e a fragilidade da carne, tendo como embasamento as fontes filosóficas e sobretudo literárias que se encontram em ressonância nos autores Emmanuel Lévinas e Maurice Blanchot. Trata-se de um estudo que surge imbuído do desejo de aprofundar o “dizer” da “carne” que perpassa os referidos autores e que se torna visível na trama do texto por nós intitulado “carnalidade da escritura”.

Palavras-chave: Linguagem, Literatura, Ética, Carnalidade, Escritura

Abstract/Resumen/Résumé

Le présent texte vise à étudier la relation entre la fragmentation de l'écriture et la fragilité de la chair, à partir des sources philosophiques et principalement littéraires qui résonnent chez les auteurs Emmanuel Lévinas et Maurice Blanchot. C'est une étude qui semble imprégnée du désir d'approfondir le “dire” de la “chair” dans les dits auteurs et qui devient visible dans l'intrigue du texte que nous intitulons “carnalité de l'écriture”.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Langage, Littérature, Étique, Carnalité, Écriture

¹ Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, atualmente professor e coordenador do curso de Filosofia da Faculdade Dom Luciano Mendes – FDLM – de Mariana-MG.

1. INTRODUÇÃO

No que diz respeito à importância, bem como à pertinência do tema, constatamos que os dois pensadores em questão, a saber, Emmanuel Lévinas e Maurice Blanchot, deixaram profundas marcas em vários pensadores da filosofia contemporânea, sobretudo, nos filósofos franceses do Século XX (CHOPLIN, 2009, p. 217-233). Alguns temas afins que emergem da filosofia inspirada em nossos pensadores podem ser elencados, dentre eles citamos: a questão da corporeidade, a ética da alteridade e da amizade, a questão do judaísmo, bem como temas relacionados à linguagem filosófica e literária. No presente texto focaremos a temática da “carnalidade da escritura”¹ na ressonância entre a filosofia e a literatura nos respectivos autores. Nesse sentido, é digno de apresentar aqui, a título de informação, como se dá o contato de Lévinas com a temática da literatura – e que nesta pesquisa a intitulamos “carnalidade da escritura” – na sua interlocução com Blanchot.

2. A EXPERIÊNCIA ÉTICO-LITERÁRIA LEVINASIANA

Partindo da experiência filosófica levinasiana, constata-se que desde a sua formação inicial o seu pensamento emerge do entrelaçamento de fontes não propriamente filosóficas, a saber, a da leitura talmúdica da qual Lévinas herda a “outra maneira” de ler o versículo e a da literatura russa, sobretudo Dostoievski, da qual herda o sentido do drama da existência humana. Somente depois do contato com estas fontes – judaicas e literárias – é que Lévinas depara-se propriamente com a filosofia de procedência fenomenológica alemã e francesa, como se pode notar a partir da influência originária da filosofia husserliana – sobretudo na distinção entre *Körper* e *Leib*² –, bem como da filosofia de procedência heideggeriana – particularmente da obra *Ser e tempo* – da qual intui a temporalidade da existência do ser humano no mundo. No que diz respeito à fenomenologia francesa, a nosso entender, é nesta que se revela de modo mais visível os traços da literatura que aparecem, sobretudo, nas conferências e textos inéditos de Lévinas das décadas de 40 e 50. Pode-se mencionar aqui, por exemplo, o volume intitulado *Eros, littérature et philosophie*, no qual deparamos com a “intriga literária de Lévinas” (*l'intrigue littéraire de Lévinas*), expressão com a qual Jean-Luc Nancy (2013, p. 9) descreve, no “Prefácio” da referida obra, o estranhamento de Lévinas diante da literatura, referindo-se a sua leitura de literatos como Proust, Dostoievski, Blanchot, Celan, dentre outros.

¹ O presente texto faz parte do Projeto de Pesquisa em Estágio Pós Doutoral que estamos desenvolvendo junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta – FAJE – de Belo Horizonte – MG.

² Em francês, os termos alemães *Körper* e *Leib* tem apenas um equivalente *corps*. A alternativa em geral é traduzir *Körper* por “corpo” (*corps*) e *Leib* por “corpo orgânico” (HUSSERL, 2014, p. 159, nota). Entendemos por *Leib* o corpo vivente, no sentido da “carne” (*chair*).

Evidenciamos que a literatura não é um ponto isolado no pensamento levinasiano. Desde os *Carnets de captivité* (1940-1945) já se encontra registros que atestam a carnalidade na dimensão erótica, da carícia na temporalidade humana vivida (LÉVINAS, 2009a, p. 186) numa perspectiva também literária. Ora, perpassando os seus textos iniciais, deparamos também com a estranheza de nosso autor em relação à questão do ser. Trata-se de uma estranheza que reflete a sua experiência ético-literária, conforme se pode ver, por exemplo em *Da existência ao existente* de 1947, na qual afirma: “A questão do ser é a própria experiência do ser em sua estranheza [étrangeté]. Ela é, portanto, uma maneira de assumi-lo. [...] O ser é essencialmente estranho e nos impacta. Sofremos seu aperto sufocante [étrainte étouffante] como a noite, mas ele não responde” (LÉVINAS, 1998, p. 23/25)³. Ora, diante desta “estranheza”, Lévinas recorre à metáfora literária blanchotiana do murmúrio da “noite”⁴ – da “presença da ausência” [présence de l’absence] (BLANCHOT, 2011, p. 22/26)⁵ – para falar do “mal de ser”, a saber, do horror da Segunda Guerra Mundial que “pesa”, reconduzindo-nos à ausência, ao vazio do *il y a*, da existência sem existente (LÉVINAS, 1998, p. 23/25).

Nas conferências que se seguem à obra *Da existência ao existente*, como a conferência de 1948, intitulada *Parole et silence*, constatamos o esforço do autor em avançar para além do murmúrio anônimo do *il y a* e colocar em relevância o sentido da “palavra” que ensina enquanto escritura do “outro”⁶. Em seu “ensinamento” (*enseignement*), Lévinas revisita também os clássicos, sobretudo Sócrates e Platão, na tentativa de mostrar que o “ensinamento” não vem somente da iluminação fenomenológica, mas do encontro com o mestre que é da ordem da alteridade⁷. Na conferência de 1952, intitulada *L’écrit et l’oral*, Lévinas exprime o sentido da “fragmentação” (*faiblesse*) do escrito na sua relação com a fragilidade humana. Esta experiência também encontra ressonância na literária de Blanchot, sobretudo em sua obra *L’écriture du désastre*, na qual o autor sustenta a dimensão fragmentária da escrita (BLANCHOT, 1980, p. 30), a saber, uma situação experimentada pela fragilidade humana, na sua invisível passividade (BLANCHOT, 1980, p. 39)⁸.

³ Damos preferência para as obras de Lévinas e Blanchot escritas em português que tivemos acesso. No entanto, por razões literárias, recorreremos a uma ou outra expressão das obras em original francês que julgarmos mais conveniente. Neste caso, advertimos que a numeração que se encontra antes da barra (/) refere-se às páginas das obras traduzidas em português; e a numeração que se encontra após a barra, refere-se às páginas das obras em original francês, conforme se pode ver nas referências bibliográficas.

⁴ De acordo com Poirié (2006, p. 17), o tema da “noite” foi escrito por Blanchot – por exemplo em *Espaço literário* – fazendo eco a Lévinas.

⁵ O próprio Lévinas (1998, p. 73, nota), recorrendo a esta metáfora, destaca que fez uso do capítulo II de *Thomas l’obscur* (BLANCHOT, 1950, p. 14-20).

⁶ Escrevemos entre aspas os termos: “outro”, “outrem”, “dizer”, “dito”, “des-astro”, dentre outros, para distingui-los do uso corriqueiro e apontar para uma “alteridade” que habita no “verso” da escritura dos mesmos.

⁷ Conforme Lévinas dirá mais tarde, em sua obra de 1961, que o ensino vem da altura, manifestação de “outrem” no rosto (LEVINAS, 1991, p. 153).

⁸ O tema blanchotiano da passividade tem inspiração levinasiana (BLANCHOT, 1980, p. 37).

Nos textos que se seguem às conferências citadas anteriormente, como é o caso de *Totalidade e infinito*, constata-se que o filósofo continua recorrendo às metáforas blanchotianas, por exemplo, a metáfora do “neutro” (LÉVINAS, 1991, p. 30) para fazer suas críticas à filosofia de procedência fenomenológica⁹, sobretudo em sua crítica à ontologia de matriz heideggeriana. Ora, diferentemente do fascínio pela iluminação do ser, Lévinas (1991, p. 60/46) fala da experiência de encontro com o “absolutamente estranho [...] *traumatismo do espanto* [*traumatisme de l'étonnement*]”¹⁰ que nos é capaz de instruir e ensinar, porém não mais sob o viés da ontologia, mas da ética. Deste modo, graças à sua linguagem ético-literária, Lévinas dribla o jogo da essência e defende a primazia da relação de alteridade. Na obra de 1974, esta questão ganha significância nos temas da subjetividade, da passividade, da paciência, da corporeidade e da sensibilidade (LÉVINAS, 2011, p. 74-76). Aliás, o próprio Blanchot retoma o pensamento de Lévinas, relacionando, por exemplo, os temas da subjetividade e da passividade com o da escritura (BLANCHOT, 1980, p. 43-44).

A partir dos elementos afirmados anteriormente, verifica-se que, embora a literatura não seja uma questão tão estudada em Lévinas – e talvez este seja também o motivo da escassez de comentários críticos sobre a temática em questão – não se pode negar que a filosofia levinasiana sempre foi inspirada pela literatura e que, em suas obras, ressoam questões literárias que, na maioria das vezes, encontram-se diluídas em temas filosóficos. Constata-se, portanto, que a literatura não é um tema marginal em sua filosofia, mas de fronteira com a filosofia mesma. Parafraseando Paul Ricoeur, pode-se dizer que “a literatura dá o que pensar”¹¹ não somente a Lévinas, mas também a nós.

Deste modo, acreditamos que o presente estudo se faz urgente e necessário, sobretudo para o público de língua portuguesa, uma vez que são escassas as obras e os comentários críticos que encontramos sobre a fecunda aproximação entre Lévinas e Blanchot. A procedência da literatura disponível é, em sua maioria, de língua inglesa e francesa. Daí a nossa tarefa de, ao reler Lévinas pelo viés da literatura, contemporaneamente tornar Blanchot mais conhecido aos ambientes de língua portuguesa. Mas afinal, por que escolhemos Blanchot como interlocutor de Lévinas se, como já dissemos, existem outros literatos que influenciaram consideravelmente o pensamento de Lévinas? Qual a peculiaridade de Blanchot neste diálogo com Lévinas?

⁹ Por exemplo, quando Lévinas (1991, p. 15) afirma: “a fenomenologia é um método filosófico, mas a fenomenologia – compreensão através da iluminação – não se constitui o acontecimento último do próprio ser”.

¹⁰ Na entrevista de Philippe Nemo – na obra *Ética e Infinito* – quando perguntado como se começa a pensar, Lévinas (1988, p. 11) faz questão de enfatizar que o “trauma” é um dos pontos de partida. Trata-se do pensar ético.

¹¹ “O símbolo dá que pensar, faz apelo a uma interpretação, precisamente porque ele diz mais do que não diz e porque nunca acabou de dar a dizer” (RICOEUR, 1988, p. 29). “‘O símbolo dá que pensar’; esta sentença que me encanta diz duas coisas: o símbolo dá; eu não ponho o sentido, é ele que dá o sentido, mas aquilo que ele dá, é ‘que pensar’, de que pensar” (RICOEUR, 1988, p. 283).

3. A ESCRITURA COMO LUGAR DE ENCONTRO ENTRE LÉVINAS E BLANCHOT

Intrinsecamente ligado à experiência ético-literária levinasiana, deparamo-nos com a particular relação de amizade existente entre Lévinas e Blanchot. Trata-se do que chamamos aqui de “avesso” da escritura. Neste sentido, muito mais do que pensar a “intriga” filosófica-literária nos autores em questão, acentuamos a experiência originária da literatura e do filosofar que emerge dessa relação.

Assumimos como ponto de partida a constatação: “há uma escritura de Lévinas e também uma escritura de Blanchot (COLLIN, 2015, p. 19, tradução nossa). A princípio, entende-se por “escritura” os “traços” originários dos registros filosóficos e literários presentes nos autores e que se encontram em seus escritos. Com a expressão “carnalidade da escritura”, tem-se em vista tanto a experiência do escritor diante da obra, quanto a do leitor diante deste “outro” que nos interpela na obra. Na perspectiva blanchotiana, pode-se dizer que há um “estranhamento” vivenciando na relação de intimidade entre o autor, a obra e o leitor. No entanto, a obra não se reduz ao contato com o livro e nem simplesmente na amizade com o escritor. Enquanto o livro ainda é da ordem textual, a obra nos “toca” por aquilo que ela “é”, no entrelaçamento da intimidade entre escritor e leitor. É uma experiência de subjetividade profunda, aberta a acolher os segredos do “outro” que a escreveu. Na intimidade da escrita – daquele que escreve e daquele que lê – o poeta suporta essa ausência na sua “pele”, ou melhor, na “carne” de sua escritura e torna-se responsável por ela. É uma intimidade que suporta o risco da própria morte (BLANCHOT, 2011, p. 31).

Adentrar nessa intimidade significa deixar-se arriscar também pela “solidão” da obra, deixar-se perguntar por este “lugar” da literatura que sugere o pensar, de tal modo que o pensar não é mais abstrato – conceitual – mas ganha significância encarnada em nós no próprio ato da leitura. Neste sentido, contrariamente ao que se poderia pensar, o texto não é somente o texto “perfeito” que preenche todos os requisitos lógicos gramaticais de uma língua. Por vezes, a escritura “des-ordena”, ou melhor, transgride as próprias leis do escrito. Essa transgressão está presente em ambos os autores em questão, a começar pelo estilo assistemático. Em Lévinas, por exemplo, há uma experiência de estranhamento para com seu método hiperbólico de escrever. Além de hipérboles, o autor faz uso constante de metáforas¹², permitindo e sugerindo que o leitor esteja sujeito, inclusive, às contradições lógicas. Diferentemente do logicismo matemático, como se poderia pressupor de uma literatura analítica, com Lévinas e também com Blanchot, a trama do texto é “tecida” e ao mesmo tempo “quebrada” (*brisée*) em cada ato de

¹² Termo sugerido por Del Mastro (2012) em sua obra *La métaphore chez Lévinas*. O próprio Blanchot (1969, p. 89-90) menciona o uso das metáforas no pensamento ético de Lévinas, por exemplo, quando ele (Lévinas) refere-se a “outrem” (*autrui*) com palavras de altura e de eminência.

leitura. Como se pode ver, há um estranhamento que se faz presente já nos títulos das obras na língua original francesa dos referidos autores escolhidos para este estudo¹³. Trata-se de textos que desafiam a lógica da tradução e da interpretação. Daí o caráter invasivo e estranho que se experimenta tanto na arte de escrever quanto de ler uma obra.

Blanchot parece consciente deste caráter de “desastre” da escritura e mesmo daquilo que a sua obra viria a provocar no leitor, pois já na epígrafe da obra *O espaço literário* afirma: “Um livro, mesmo fragmentário, possui um centro que o atrai: centro esse que não é fixo, mas se desloca pela pressão do livro e pelas circunstâncias de sua composição” (BLANCHOT, 2011, p. 7). Ora, que centro é este que atrai o leitor? No caso particular da obra *L’écriture du désastre*, tem-se uma escritura em forma de fragmentos, sem um fio condutor sistemático, causando, de fato, uma estranheza no seu leitor, a ponto de se falar de um verdadeiro “desastre” que o leitor suportaria pacientemente. Quanto ao texto *De outro modo que ser* de Lévinas propriamente falando, constata-se que este não tem o mesmo estilo do texto *L’écriture du désastre* de Blanchot que é um texto em fragmentos¹⁴. Se em *De outro modo que ser* não temos este estilo fragmentário textual, temos seguramente um texto fragmentável a causa de suas hipérboles, metáforas e contrações internas que causam grande estranheza no leitor não habituado com seu estilo. Talvez seja este estilo de escrever que levou, por exemplo, Derrida (1967, p. 124, nota) a afirmar que o pensamento de Lévinas se assemelha a “ondas” que se quebram na praia justamente pelo caráter metafórico, dinâmico e vivo de sua escritura.

Tal estranheza textual, na “carne” do leitor, torna-se ainda mais instigante, quando se lê Lévinas e Blanchot sob o prisma da experiência de amizade que existia entre eles. Como autores tão diferentes podem ter uma grande afinidade a ponto de se tornarem amigos íntimos? O que os liga? Acaso é o “fio” da literatura que os mantém entrelaçados? Todavia, embora sendo amigos, eram assinalados por uma estranha diferença na escritura. Por exemplo, é bastante sugestiva a fala que Lévinas dirige ao seu amigo mencionando o período em que ele (Lévinas) foi refém no campo de concentração, conforme se pode ver em uma das conversas (*entretiens*) de Lévinas com Poirié:

Ele [Blanchot] às vezes menciona-me em seus livros e me exalta muito em todos os sentidos do termo. Quero dizer que me acho muito exaltado quando em suas intervenções ele se aproxima de mim. Em muitos pontos, pensamos de acordo. Ele passou por uma evolução interior onde nunca houve a menor concessão, nem para si mesmo. Impressão de um homem sem oportunismo. Ele viveu de maneira extremamente aguda e dolorosa a Ocupação; ele salvou minha esposa durante a guerra quando eu estava em cativeiro, e ele também viveu de maneira extraordinária o maio de 68! Ele sempre escolheu o caminho mais inesperado e nobre, o mais difícil. Essa elevação moral, essa aristocracia de pensamento fundiária é o que mais importa e o eleva (POIRIÉ, 2006, p. 72-73, tradução nossa).

¹³ *Autrement qu’être ou au-delà dell’essence* (de Lévinas) e *L’écriture du desastre* (de Blanchot).

¹⁴ Não “fragmentos” no sentido técnico de uma obra perdida e recuperada em partes, mas “fragmento” enquanto estilo narrativo da escritura. No “fragmento” está “tudo” que o leitor precisa para continuar a sua obra.

O registro literário e bibliográfico acima citado, evidencia não somente a amizade entre Lévinas e Blanchot, mas também o encontro no “verso”, ou no avesso mesmo de seus escritos, sugerindo a experiência vivida e suportada por eles. Evidencia também as convicções políticas e religiosas que tanto os aproximavam quanto também os distanciavam. No entanto, há um elemento que os une e os faz muito próximos: o sofrimento humano. A escritura deixa escapar este elemento quase invisível, ou melhor, a escritura “traduz” a experiência originária em ambos. Eis o sentido da carnalidade da escritura, que ora emerge de modo textual na visibilidade da trama do texto, na sua invisibilidade sugerida pelo lado avesso do mesmo. É como se as palavras fizessem sair de mim um outro “eu” que sou, sugerindo o pensamento da alteridade que a própria amizade põe em relação de modo visível.

4. MARGENS DA ESCRITURA

É justamente porque no avesso está a amizade – a intimidade entre autor e leitor – que na “margem”¹⁵ encontra-se a escritura. Utilizamos a metáfora da margem para descrever o que se pretende com este “lugar” no qual se dá a interlocução entre a filosofia levinasiana e a literatura blanchotiana. Tomamos esta metáfora também da filosofia de Derrida (1972, p. IX) o qual intitula um de seus livros *Marges de la philosophie*. Nesta obra o autor se pergunta se enquanto houver margens existirá ainda “uma” filosofia. Não podemos deixar de recordar que esta metáfora foi também usada pelo nosso poeta Guimarães Rosa (1988, p. 32-37), em seu conto “A terceira margem do rio”. Portanto, a metáfora da margem parece realmente, de modo particular, sugestiva. Vejamos como encontra-se nos nossos autores.

Em Lévinas, a metáfora da “margem” aparece no último capítulo de sua obra *De outro modo que ser* intitulado “Au dehors”, – “À margem” (LÉVINAS, 2011, p. 187/269). Em Blanchot, a expressão aparece na obra *L’écriture de désastre* e não indica somente um “fora” (*hors*) da escritura e do pensamento, algo meramente “exterior” e inexperimentável, mas indica algo que nos “toca” no “limite da escritura” (BLANCHOT, 1980, p. 14-17). Este limite sugere o sentido do esquecimento, da memória e da própria morte¹⁶. Neste sentido, podemos afirmar que, tanto na filosofia quanto na literatura dos nossos autores, “à margem” remete ao sentido da fronteira, do ultrapassamento e da própria transgressão dos limites. A “margem” é o espaço do perguntar que atravessa alteridades filosóficas e literárias. Ora, neste sentido intitulamos “carnalidade da escritura” uma espécie de interface entre a filosofia e a literatura. Trata-se de

¹⁵ O termo francês *dehors* foi traduzido em português por “margem” e também como “o lado de fora”, indicando tanto o sentido do esquecimento (da memória), quanto da própria morte.

¹⁶ Na obra *O espaço literário* de Blanchot (2011, p. 178), a “margem” é usada no sentido da “outra noite”, entendida como “lembrança sem repouso”, a saber, da “morte que não se encontra”.

uma expressão com a qual nos referimos ao “dizer” ético da escritura, desviando-nos da tendência de uma hermenêutica meramente textual. No sentido ético, a “carne” é a própria margem, lugar da escuta do “*di-ferir*”¹⁷ da alteridade de “outrem” (*autrui*).

O “dizer” da escritura faz “eco” ao que vem de outra margem. Sobre esta questão, é bastante sugestivo a seguinte afirmação de Lévinas (2011, p. 194/280): “Só o sentido de outrem é irrecusável, e só ele interdiz a reclusão e o enclausuramento na concha de si. Há uma voz que vem da outra margem [*autre rive*]. Há uma voz que interrompe o dizer do já dito”. E quando damos ouvido a esta “voz”, a “palavra” (*parole*) nos chega. Esta “palavra” que nos vem de “outro” ganha carnalidade em nós. Nas palavras de Blanchot (2011, p. 18/21): “Escrever é fazer-se eco [*écho*] do que não pode parar de falar – e, por causa disso, para vir a ser o seu eco, devo de uma certa maneira impor-lhe silêncio”. Esse “eco” enquanto palavra que diz no silêncio, no segredo – na outra margem – que se torna obra, ou seja, carne: intimidade de alguém que a escreveu e que a leu (BLANCHOT, 2011, p. 13-14). Trata-se de um elemento próprio da literatura, a saber, a discrição e a reserva¹⁸ (de sentido) que não se esgota no escrito. A literatura chega a reivindicar para si a relação entre a discrição e a morte. Na literatura, a minha identidade é diferida e a morte transgredida, pois a escritura rompe com o próprio limite do silêncio. Lévinas, em seu texto *Sur Maurice Blanchot*, ao fazer referência às fontes literárias de Blanchot – sobretudo Mallarmé¹⁹ e Kafka – ressalta que no “silêncio da obra” encontra-se um “dizer” de uma outra ordem que o da ontologia. Trata-se do “dizer” da escritura que, desarranjando a economia do ser, “desabrocha” na obra de arte assim como no “espaço literário”, com uma plenitude de vida – uma presença do ausente (LÉVINAS, 1975, p. 14-18). Em Lévinas, esta “presença” é a própria relação ética, a saber, abertura do “eu” ao “outro”.

O apelo do “outro” surge no entrelaçamento entre a filosofia, a ética e o espaço da literatura na obra de Blanchot. Na sua carta intitulada “Enigme”²⁰, o próprio Blanchot reconhece a necessidade de aprofundar a relação entre a literatura e a ética. Nesta carta, Blanchot expressa seu “estranhamento” – “*j’ai été éffrayé et quasiment désespéré*” – com o tema da ética na sua relação com a literatura. Não se trata de relação entre coisas, mas sim de relações do humano no mundo. Em seu *Entretien infini*, Blanchot (1969, p. 89-90, tradução

¹⁷ Nos remetemos aqui a Derrida (1972, p. 4-5) o qual, partindo da noção de “signo” em Saussure, fala de *différance* (com “a”) por uma questão de fonética e também de “alteridade” gráfica. Nós aqui, porém, estabelecemos uma “diferença” no sentido da alteridade da escritura – carnalidade no “traço” do “outro”.

¹⁸ Sobre esta temática indicamos o texto de Banki (2015, p. 311-318) intitulado “La discrétion – la réserve – est le lieu de la littérature”.

¹⁹ Falando sobre a “experiência de Mallarmé”, em sua obra *O espaço literário*, Blanchot recorda que o ato de escrever se assemelha a uma situação de reviravolta radical, chamada por Mallarmé de “sondar o verso [*creusant le vers*]” (BLANCHOT, 2011, p. 31/37).

²⁰ Carta à revista universitária americana *Yale* na qual Blanchot (1991) recebeu o convite para escrever sobre o tema “La littérature et la question éthique”.

nossa) afirma: “Que outrem me seja superior, que sua palavra seja palavra de altura, de eminência”. Portanto, mais do que acentuar um caráter da ambiguidade²¹, vemos preferencialmente ressaltada a ocorrência da “metáfora” em seu sentido originário de “conduzir para o além” que a literatura blanchotiana sugere na sua ressonância com a escritura levinasiana. Como escrever em um movimento no qual sinto-me interpelado de modo infinito²²? Em outras palavras, como escrever em um movimento entre a filosofia e a literatura, entre Lévinas e Blanchot e também entre mim e ti? Nesse sentido, é preciso ressaltar o que Blanchot (2011, p. 17/20-21) afirma a respeito da interpelação do “outro” através da escritura: “Escrever é quebrar [briser] o vínculo que une a palavra ao eu, quebrar a relação que, fazendo-me falar para ‘ti’ [toi], dá-me a palavra no entendimento que esta palavra recebe de ti, porquanto ela te interpela, é a interpelação que começa em mim porque termina em ti”.

Naturalmente, a dimensão textual também merece atenção. O ato de ler, traduzir, interpretar comportam efetivamente esforços não indiferentes para se colher os elementos da arte literária e perceber as semelhanças e diferenças entre os autores. O mais importante, dada a decisiva atenção, é descobrir o caráter plural da escritura. Este caráter de pluralidade indica a relação entre a ética e a escritura, sugerindo – também aqui – a dimensão de alteridade da escritura, conforme se pode notar em *L’entretien infini*, onde emerge uma palavra que faz dizer no plural – nomear o possível e responder ao impossível (BLANCHOT, 1969, p. 92). Trata-se de uma “alteridade” particular constituída pela linguagem literária. E assim, além do significante e do significado, afirma-se que há também “a relação do um ao outro” que constitui a linguagem literária (BLANCHOT, 1969, p. 586, tradução nossa).

Enquanto escrito literário, este possui uma linguagem que comporta uma “estranheza” (*étrangeté de son désœuvrement*) que se traduz na exigência de escrever. Segundo Blanchot (2011, p. 48/56), começa-se a escrever quando se consegue driblar o impulso ou mesmo a ilusão de querer dizer tudo. Eis um exercício difícil, pois o fascínio inicial também suscita a criatividade do escritor. No entanto, não se trata somente de escrever livros e multiplicar textos; é preciso oferecer-se aos riscos, deixar que o escrito vire obra, na exigência que o atrai para fora do mundo, na sua “ex-cedência”, suportando também o silêncio e a própria rejeição. São riscos (*risques*) que o autor corre, mas que são necessários para que a obra continue enquanto “obra” no mundo, fora da própria intimidade do autor (BLANCHOT, 2011, p. 49-50/57-58).

²¹ No lugar da ambiguidade, talvez seria melhor sustentar com Cools (2007, p. 5-6) uma proximidade entre Lévinas e Blanchot sob o viés da questão da subjetividade no “evento” (*événement*) da linguagem. A partir dessa relação que se pode pensar também na diferença entre os autores no contexto fenomenológico, estabelecendo, inclusive os laços paradoxais entre a linguagem e a escritura, entre a escritura e a morte.

²² Sobre essa “leitura infinita”, sugerimos o texto de Banon (1987), o qual traz o prefácio feito por Lévinas, mencionando a Torah como movimento infinito por excelência.

A “estranheza” literária está no fato de ela não ser repetitiva e nem se restringir ao interdito como indicado no final do *Tractatus* de Wittgenstein e que Blanchot (1980, p. 23) ironiza dizendo que seria estranho “mostrar” sem poder “dizer”. Neste sentido, o jogo wittgensteiniano torna-se praticamente impossível em Blanchot. Do não-falar wittgensteiniano emerge ao invés o “dizer” da escritura por trás (à margem) de todo fenômeno e se instaura na passividade humana como um “desastre”. A exigência do escrever impõe-se, portanto, para além da cultura, respondendo a exigência estranha do próprio espírito “criador” em nós (BLANCHOT, 1969, p. 588) e que aqui interpretamos a partir da experiência do estranhamento originário com a obra literária.

Na relação entre o criador da arte e o leitor, tem-se a experiência originária da literatura, uma experiência de dilaceração, equivalente ao olhar de Orfeu que desce em busca de Eurídice²³. No entanto, é preciso ressaltar que a obra é também “a potência adversa que a rasga e que reparte Orfeu – e assim, na intimidade dessa dilaceração tem origem aquele que produz a obra (o criador), assim como aquele que a consagra, a preserva, escutando-a (o leitor)” (BLANCHOT, 2011, p. 246).

Da experiência originária da literatura blanchotiana, dessa escritura quase “louca” que prova a dilaceração, Lévinas colhe o sentido da “ex-cedência” na economia geral do ser. Deste modo, diferentemente da preocupação meramente ontológica, nossos autores focam a questão da escritura sob outro viés, um outro método, aquele de uma fenomenologia às avessas. Em vez de se pensar na luz sob a qual as coisas se mostram, nossos pensadores colocam a “ontologia da presença” em questão. Fazendo uso de metáforas, como por exemplo, a da noite, Blanchot (2011, p. 22) afirma o sentido da “presença da ausência”. Trata-se de uma “presença” avertida em um instante enquanto “*épanouissement*”²⁴, ou seja, como o cumprimento da obra literária. De modo levinasiano, tal cumprimento se dá no único, na carnalidade do “eis-me” (LÉVINAS, 2011, p. 157/222). Quando escrevo, sou “eu” que me “inscrevo”. É como se as palavras olhassem para mim (LÉVINAS, 1975, p. 16).

Mas afinal, por que escrever? Para simplesmente responder ao desespero da solidão do autor ou também para cumprir o papel de alteridade da escrita? Ora, o próprio Blanchot (1969, p. 6, tradução nossa) afirma: “o outro comporta a exigência de uma descontinuidade”. Esta estranha descontinuidade, ou melhor, esta “ruptura” estabelecida pela própria escritura,

²³ A figura mitológica de Orfeu é usada por Blanchot na sua relação com a metáfora da obscuridade (da “noite”) na obra de arte (BLANCHOT, 2011, p. 186-190).

²⁴ Expressão que Blanchot toma de Mallarmé, traduzido no português por “desabrochar” (BLANCHOT, 2011, p. 245). Ver também BLANCHOT, 1975, p. 17.

configura-se como uma exigência que ultrapassa aquele sentido de escrito meramente a serviço da palavra e do pensamento. Pelo contrário, escrever significa liberar a própria palavra do aprisionamento do “eu” e dar ao “outro” a possibilidade de ser. Estranha vocação da escritura!

É por isso que podemos dizer algo mais, a saber, que a nossa pesquisa da interlocução com Blanchot surge nesse lugar de “fronteira”, ou melhor, numa espécie de “terceira margem do rio” (ROSA, 1988, p. 32-37) para citar o poeta e escritor mineiro Guimarães Rosa. Interpretamos a “terceira margem” não como um terceiro lugar, mas o próprio “nó” onde se entrelaça tanto a filosofia quanto a literatura, ou seja, na carnalidade do humano, lá onde se tem a experiência do “desastre”. Trata-se de uma experiência que reivindica uma reviravolta ou pelo menos um ultrapassamento da fenomenologia descritiva, implicando assim uma outra maneira de ler e interpretar o “fenômeno” do escrito. O escrito deixa de pertencer ao fenômeno decifrado na luz e passa a “dizer” no avesso, em um “de outro modo que ser” a modo levinasiano. Tem-se aqui a antecedência da sombra, que na ética é da ordem do sofrimento humano interligada à incidência da luz²⁵ que interfere na literatura como também na arte. Essa interligação é uma espécie de outra “margem”.

Conclui-se que a interlocução entre Lévinas e Blanchot perpassa as fronteiras entre a filosofia e a literatura, entrelaçando-as sem que as mesmas percam a originalidade. Para Blanchot, a arte, por exemplo, se situa “fora do reino do dia” (LÉVINAS, 1975, p. 12, tradução nossa). Não há uma primazia da luz, a sombra é também uma realidade. Ora, talvez aquilo que Lévinas chama de “invisível” na ética, possa ser entendido como a “sombra” na arte, indicando o sofrimento do humano que é praticamente da ordem do invisível. O sofrimento não é da ordem do “mostrar”, mas do padecer na carnalidade humana.

5. O ENCARNAR-SE DA ESCRITURA COM LÉVINAS E BLANCHOT

Para entender o modo como a escritura encontra-se encarnada nos referidos autores, a ponto de ser nomeada no seu “*des-astro*”, partimos da seguinte questão: qual é a relação entre o aproximar-se do declínio da estrela e a condição inumana do próprio humano, enquanto carne que se faz carícia, contato? É o que se verá a seguir nos referidos autores.

²⁵ Na arte visual, por exemplo, a incidência da luz pode ser vista nas obras de Caravaggio, particularmente na “Conversão de São Paulo” e na “Vocação de São Mateus”. Caravaggio procura a direção da luz, mas isto se dá graças às sombras que permeiam toda a obra, envolta do sofrimento humano. Em a “Conversão de São Paulo”, a luz incide sobre o sofrimento de Paulo caído. Em a “Vocação de Mateus”, a incidência da luz é quase “inscrita” porque conseguimos ver como se fosse uma escritura. É noite! Observando atentamente, nota-se que, na tela, todos em volta já parecem ter percebido a incidência da luz. No entanto, Mateus continua cabisbaixo, parece não ter notado a luz. Todos os personagens apontam para Mateus, no entanto, há uma mão distinta, a do Cristo que desperta Mateus – o despertar da vocação. A linguagem do conceito não o converte, mas sim a da mão que quase espera o olhar de Mateus. Por um lado, há também aquela sombra na arte sobre a qual incide a luz; por outro, em se tratando da arte, sua escritura é passível de interpretação, crítica e denúncia, conforme se pode notar na obra de Caravaggio: o que é tramado às escuras – o que Mateus tramava à noite.

Em sua obra *De outro modo que ser*, Lévinas (2011, p. 182-183) afirma: “No logos²⁶ dito – escrito –, o logos sobrevive à morte dos interlocutores que o anunciam, assegurando a continuidade da cultura”. E continua: “É certo que, no escrito, o dizer torna-se puro dito, simultaneidade do dizer e das suas condições. O discurso interrompido recaptura as suas próprias rupturas, é o livro”.

Lendo com a devida atenção as citações acima, é o caso de acentuarmos em um primeiro momento um aspecto paradoxal sobre a proximidade, bem como a diferença entre Lévinas e Blanchot. Conforme interpreta Cools (2007, p. 9), por um lado, parece visível que Lévinas tende a dar maior relevo à linguagem do “contato” e não ao escrito que por sua vez estaria em uma dimensão oposta ao movimento da transcendência que se cumpre na escritura. Por outro lado, é preciso estar atento, pois parece que a obra *De outro modo que ser* encontra-se também reescrita na própria escritura. Aliás, o próprio Lévinas, ao fazer a relação entre o “dizer” e o “dito” também constata a necessidade de “des-dizer” o “dito”, ainda que por um “abuso de linguagem” (LÉVINAS, 2011, p. 170). Algo bastante significativo também se pode constatar no pensamento blanchotiano em relação à visibilidade do escrito em forma de livro: “A palavra escrita, nós não vivemos mais nela, não porque ela anuncia ‘ontem foi seu fim’, mas ela é nosso desacordo, o dom da palavra precária”, e continua: “O que permanece por dizer” (BLANCHOT, 1980, p. 220, tradução nossa). Ora, o que resta “por dizer” é da ordem da carnalidade.

Lévinas visa um pensamento “encarnado” no qual a experiência sensível do corpo emerge não simplesmente como um registro em um livro, mas uma escritura visível da carne – a própria sensibilidade –, pois “o sujeito é de carne [chair] e osso [sang] homem que tem fome e que come, entranhas de uma pele e, portanto, susceptível de *dar* o pão da sua boca ou de dar a sua pele” (LÉVINAS, 2011, p. 95/119). A “carne” da escritura em mim é da ordem da carícia, conforme se pode constatar na seguinte afirmação de Lévinas (2011, p. 111/150): “Na aproximação do rosto, a carne [chair] faz-se verbo, a carícia [caresse] faz-se – Dizer”.

E assim, embasado na “escritura” deste verbo que se faz carícia, perguntamos por este registro da escritura que fala em nós, ou melhor, ganha carnalidade no “eis-me”²⁷. Trata-se da linguagem da passividade (LÉVINAS, 2011, p. 70), capaz de suportar pacientemente a dor, o sofrimento e a própria morte. Seria este o sentido “desastre”, o ter que suportar tudo isso na fragilidade humana? Ora, é preciso estar atento, pois neste “dizer” da passividade, o que “queima a carne [brûle la chair]” não é o “por nada” (o vazio), mas o “para o outro” (LÉVINAS,

²⁶ Pode-se também fazer alusão aqui à crítica de Derrida (2005, p. 113) ao logocentrismo do escrito, que entende o ζῶον como um ser vivente, na ambivalência com o φάρμακον.

²⁷ “A palavra Eu significa *eis-me* [me voici]” (LEVINAS, 2011, p. 130/180).

2011, p. 71/85). A filosofia levinasiana segue sendo ética – “entre seres de carne e osso [de chair et de sang]” (LÉVINAS, 2011, p. 92/119). Tem-se aqui “o nó [le noeud] da subjetividade” (LÉVINAS, 2011, p. 47/46)²⁸.

Na sensibilidade, a carícia exerce uma transgressão – o tocar ultrapassa o mero sensível – mas ao mesmo tempo que a “pele” se dá ao contato, ela também retrai, escapa-se, em um movimento que podemos nomear de “pele rugada [peau à rides]” (LÉVINAS, 2011, p. 108/145). A escritura blanchotiana também testemunha algo parecido quando se refere à transgressão da escritura. Segundo Blanchot, a transgressão se dá na própria exigência de escrever que permanece em uma insatisfação de não ter feito nem se sequer o necessário. Há um desejo não preenchido na arte da escritura que ultrapassa o próprio escritor. Quando leio o escrito, há também uma transgressão em mim. E conforme interpreta Blanchot, o ato de escrever também é um ato transgressivo, pois rompe com o “astro da totalidade” (BLANCHOT, 1980, p. 121). Não se trata aqui de descrever o desastre, mas deixar que cada fragmento fale por detrás do não dito, no invisível da obra. A leitura provoca sempre um movimento em nós, tirando-nos do pré-estabelecido.

Mas afinal, como pensar o desastre? Ele tem um começo? Trata-se de um “imemorial”, praticamente sem passado e sem futuro, mas suportado na invisível passividade do próprio morrer, a saber, na “fragilidade humana” (BLANCHOT, 1980, p. 39). É o único, no “eis-me” que suporta a própria morte. Neste sentido, o desastre é da ordem do “traumático”, pois desinstala a própria consciência e/ou o pensamento (BLANCHOT, 1980, p. 12)²⁹ que quer tornar tudo presente, contemporâneo. Seu “trauma” está no fato de o desastre não poder ser experimentado. No entanto, paradoxalmente, o desastre “des-escreve [dé-crit] (BLANCHOT, 1980, p. 17), como se estivesse em uma noite sem astro na qual faltasse a “escuridão”³⁰ (BLANCHOT, 1980, p. 52). Seria ainda a noite da consciência, mas esta não consegue “ver” tudo. Neste sentido, Blanchot (1980, p. 9, tradução nossa) pergunta “se o desastre significa estar separado da estrela (...) aquilo ao qual nós somos destinados sem ser concernidos?”. Ora, recorremos aqui à hipótese de se a consciência seria a nossa “salvação” ou o nosso desastre, pois é ela propriamente que não nos deixa livres dela. E assim o autor conclui afirmando:

²⁸ Permito-me citar *Por uma sensibilidade além da essência*, na qual apresentamos uma dificuldade, a saber, “de puxar os ‘fios’ que se entrelaçam na escritura levinasiana, tais como: a ética como filosofia primeira, a corporeidade, a questão da linguagem e da sensibilidade que se ata ou desata no ‘no’ da subjetividade humana” (MELO, 2018, p. 13).

²⁹ Lévinas usa a expressão “arrière-pensée”. Trata-se de um pensar que dê conta do extremo “padecimento” (*subissement*) do qual preciso responder pela culpabilidade inocente. Blanchot nomeará este pensamento de “traumatismo da criação ou do nascimento” (BLANCHOT, 1980, p. 41, tradução nossa).

³⁰ Traços da luz, como em Caravaggio.

“somos passivos em relação ao desastre” (BLANCHOT, 1980, p. 9, tradução nossa). Quando escrevo, “eu” também me “inscrevo”, continua em mim a obra da humanidade (BLANCHOT, 1980, p. 18).

Lévinas, comentando a inspiração que o levou a ler Blanchot, afirma: “[...] é necessário desdizer sempre o que se disse – é um acontecimento que não é nem o ser nem o nada. No seu último livro [*L’écriture du désastre*], Blanchot chama a isso ‘desastre’, o que não significa nem morte nem infelicidade, mas como se o ser se separasse da sua fixidez de ser, da sua referência a uma estrela, de toda a existência cosmológica, um *desastre*” (LÉVINAS, 1988, p. 35-36). De modo hiperbólico, no final da obra *De outro modo que ser*, Lévinas (2011, p. 194-195) interpreta que este astro “cai sobre o humano”, indicando o sentido de uma transcendência que tenha lugar no humano – no “aquém” – fora das armadilhas do pensamento da essência. Daí a importância de mencionar aqui as várias formas da corporeidade: no cansaço, na passividade do envelhecimento, na sensibilidade ou na iminência da dor, no dever de dar o “outro” até o pão de sua própria boca (LÉVINAS, 2011, p. 76).

Assumimos, portanto como nossa, a metáfora da “carnalidade da escritura” para ressaltar o sentido da “palavra” que tenta unir os fragmentos da escrita e a metáfora da “pele” no tecido do corpo, entrelaçando-os nas entranhas do humano, abrindo-nos à questão ética. Neste sentido, o “estranho” em “nós”, tecido na pele da condição humana, próprio no avesso, mas cravado em nosso tecido vivente – carnalidade – permite que o distante se faça próximo, e o invisível abra-se à relação com o “outro”. Este cravado em nós, de modo praticamente “an-árquico”³¹ o nomeamos de “carnalidade da escritura”.

6. CONCLUSÃO

Quando abrimos um livro e começamos a lê-lo, eis o desastre ganhando carne em nós – *bouleversement* – que nos tira da ordem (BLANCHOT, 1980, p. 45). Em termos levinasianos, o desastre, o “traumatismo” da consciência, supõe também “uma razão an-árquica”³². Tudo que era organizado é revirado do avesso (*renverse*) na pele de minha subjetividade. Sou “eu” que suporto tudo, na “paciência da passividade”. À medida que leio um livro, o que é do “outro”, a própria morte, ganha carne em mim – escritura do “outro” – ser vivente que não sendo mais um astro no espaço sideral, passa a ser considerado no humano – “desejo”. Eis, portanto, aqui, o sentido da investigação que acabamos de fazer: a relação entre a fragmentação da escrita e a

³¹ Neologismo usado por Lévinas (1982, p. 155) para se contrapor à pretensão arqueológica da ontologia.

³² “Uma razão anterior ao começo”, na sua dose praticamente cética, mas na sua “não-indiferença” da responsabilidade para com o “outro” (LÉVINAS, 2011, p. 180).

fragilidade humana. Tal relação entendida por Blanchot como “*des-astro*” pode ser relacionada com o termo “para além da fenomenologia” (LÉVINAS, 2011, p. 195) levinasiano, presente no final da obra *De outro modo que ser*. Enquanto o além da essência da filosofia levinasiana ganha significância em o “traço” do rosto; na literatura blanchotiana, a escrita fragmentária é o próprio “risco” (BLANCHOT, 1980, p. 43), “traço” da ausência do “imemorável” que é colocado fora do fenômeno, fora da experiência (BLANCHOT, 1980, p. 43) e continua a “dizer” no “dom da escritura”.

REFERÊNCIAS

- BANKI, P.J., La discrétion – la réserve – est le lieu de la littérature. In: HOPPENOT, É. – MILON, A. (Orgs). **Emmanuel Lévinas-Maurice Blanchot, penser la différence**. 2e éd. Nanterre: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2009, p. 311-318. Livro disponível em: <<https://books.openedition.org/pupo/845>>.
- BANON, D., **La lecture infinie**: Les voies de l’interprétation midrachique. Paris: Seuil, 1987; trad. italiana: *La lettura infinita*: il midrash e le vie dell’interpretazione nella tradizione ebraica. Com prefácio de Emmanuel Lévinas. Milano: Jaca Book, 2009.
- BLANCHOT, M., **Thomas l’obscur**. Paris, Gallimard, 1950.
- BLANCHOT, M., **L’espace littéraire**. Paris: Gallimard, 1955; trad. portuguesa, *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BLANCHOT, M., **L’entretien infini**. Paris: Gallimard, 1969.
- BLANCHOT, M., **L’écriture du désastre**. Paris: Gallimard, 1980.
- BLANCHOT, M., Enigme. Literature and the Ethical Question. **Yale French Studies**. New Haven, n. 79, p. 5-7, 1991. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2930241>>. Acesso: 14/07/2019.
- CHOPLIN, H., Au-delà du pouvoir? Lévinas, Blanchot et la philosophie française contemporaine. In: HOPPENOT, É. – MILON, A. (Orgs). **Emmanuel Lévinas-Maurice Blanchot, penser la différence**. 2e éd. Nanterre: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2009, p. 217-233. Livro disponível em: <<https://books.openedition.org/pupo/845>>.
- COLLIN, F., Du don à la visitation. In: HOPPENOT, É. – MILON, A. (Orgs). **Emmanuel Lévinas-Maurice Blanchot, penser la différence**. 2e éd. Nanterre: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2009, p. 19-31. Livro disponível em <<https://books.openedition.org/pupo/845>>.
- COOLS, A., **Langage et subjectivité**: vers une approche du différend entre Maurice Blanchot et Emmanuel Lévinas. Leuven: Peeters, 2007.
- DEL MASTRO, C., **La métaphore chez Lévinas**. Une philosophie de la vulnérabilité. Bruxelles: Lessius, 2012.
- DERRIDA, J., Violence et métaphysique: essai sur la pensée d’Emmanuel Lévinas. In: DERRIDA, J., **L’écriture et la différence**. Paris: Seuil, 1967, p. 117-228.
- DERRIDA, J., **La pharmacie de Platon**. Paris: Seuil, 1972; trad. portuguesa, **A farmácia de Platão**, 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DERRIDA, J., **Marges de la philosophie**. Paris: Minuit, 1972.

HUSSERL, E., **Cartesianische Meditationen**. La Haye: Martinus Nijhoff, 1950; trad. francesa **Méditations cartésiennes**. Introduction à la phénoménologie, tr. M. G. Peiffer – E. Lévinas em 1931, antes da edição oficial em alemão. Paris: Vrin, 2014.

LÉVINAS, E., **Carnets de captivité et autres inédits** [1940-1945], I. CALIN, R. – CHALIER, C. (Eds.). Paris: Imec-Grasset 2009a.

LÉVINAS, E., **De l'existence à l'existant**. Paris: Vrin, 1947; segunda edição aumentada com prefácio do autor, 1978, 2013; trad. portuguesa, **Da existência ao existente**. São Paulo: Papirus, 1998.

LÉVINAS, E., Les enseignements [1950]. In: CALIN, R. – CHALIER, C. (Eds.). **Parole et silence et autres conférences inédites**. Paris: Imec-Grasset, 2009b, p. 173-198.

LÉVINAS, E., L'écrit et l'oral [1952]. In: CALIN, R. – CHALIER, C. (Eds.). **Parole et silence et autres conférences inédites**. Paris: Imec-Grasset, 2009c, p. 199-229.

LÉVINAS, E., **Totalité et infini**. Essai sur l'exteriorité. La Haye: Martinus Nijhoff, [1961], 1965; trad. portuguesa, **Totalidade e Infinito**. Ensaio sobre a Exterioridade. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1991.

LÉVINAS, E., **Autrement qu'être ou au-delà de l'essence**. La Haye: Martinus Nijhoff, 1974; trad. portuguesa, **De outro modo que ser ou para lá da essência**. Trad. José Luis Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

LÉVINAS, E., **Sur Maurice Blanchot**. Montpellier: Fata Morgana, 1975.

LÉVINAS, E., **L'au-delà du verset**. Lectures et discours talmudiques. Paris: Minuit, 1982.

LÉVINAS, E., **Éthique et infini**. Dialogues avec Philippe Nemo. Paris: Arthème Fayard & Radio France, 1982; trad. portuguesa, **Ética e Infinito**. Diálogos com Philippe Nemo. Lisboa: Edições 70, 1988.

MELO, E.A., **Por uma sensibilidade além da essência**: Lévinas interpela Platão. Roma: G&BPress, 2018.

NANCY, J.-L., Préface. L'intrigue littéraire de Lévinas. In: NANCY, J.-L. – COHEN-LÉVINAS, D. (Orgs). **Eros, littérature et philosophie inédits**, III. Paris: Imec-Grasset, 2013, p. 9-30.

POIRIÉ, P., **Emmanuel Lévinas**. Essai et entretiens. 2e éd. Arles: Actes Sud, 2006.

RICOEUR, P., **Le conflit des interprétations**: essais d'hermeneutique. Paris: Seuil, 1969; trad. portuguesa: **O conflito das interpretações**: ensaio de hermenêutica. Trad. M.F. Sá Correia. Porto: Rés, 1988.

ROSA, J.G., A terceira margem do rio. In: ROSA, J.G., **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 32-37.